

Trago no meu canto CANTILENAS a lembrar com saudades do poeta que um dia eu vi declamar.

Sou um resto de água, não o fundo do poço. Sou gente cansada, cansada moço.

Sou castelo estatelado, não vendaval que passa. Sou tijolo na pilha esperando que se faça.

Sou a porta fechada, não a chave perdida. Sou o sol que passou bem longe da vida.

Sou o fim da caminhada, não o fim do caminho. Sou taça quebrada, não o fim do vinho.

No palco da vida te fizeste presente, circulaste pelas artes das mais diferentes esculturas, cantilenas, poesias, belas obras-primas que esculpiste com teus sentimentos, nos deixando mais perto de ti a cada instante.

Ouvi o trovejar da tua voz possante nas tuas poesias e nos teus cânticos, e o ecoar melodioso das tuas peças divinas ainda a turbilhar, longínquo e constante, nos deixando tuas gotas de afeto como acalanto.

Partiste porque era chegada a tua hora, viveste na vertente da vida o confronto de não querer ser o fim do caminho, mas o início de um novo caminhar infindo.

Quando o poeta é livre, nada lhe faz calar os sentimentos que expressou em vida ficam guardados num bom lugar, eternizado nos corações de quem aprendeu a lhe amar.

Não me importo que me chamem de louco por seguir teus passos neste mundo neutro. Meu eterno caminhar é seguir-te, meu mestre, querendo me encontrar com teus lindos versos.

E abrir todas as portas do infinito como o arauto de um novo tempo, onde ainda eu possa ouvir teu canto entoando uma cantilena sem pranto.

E pintar um mundo novo com sentimentos, com as mesmas cores que usaste em vida, quando tudo aqui tinha o teu belo sorriso e o teu jeito simples de tratar os amigos.

E como um louco sigo eu tão somente, não sabendo onde esse destino vai dar. Tenho certeza que ele não é o fim do poetar, mas uma longa estrada para eu caminhar.

E neste mesmo palco terrestre que um dia abriste teus braços, eu encontrei um outro gesto nobre para te dizer: obrigado, meu mestre.